ARLEQUIM

REVISTA DE ACTUALIDADES

1º ABRIL 1928

PREÇO 1$500

Nº 15

Reis Junior

SAPONACEO RADIUM

O ASSEIO DO LAR

REVISTA DE ACTUALIDADES

Publica-se ás quintas-feiras, em São Paulo

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Libero Badaró, 3.o andar, sala 14

CAIXA POSTAL 3323

PHONE 2-1024

EXPEDIENTE
ASSIGNATURAS
Por anno . 40$000
Por semestre 22$000
Numero avulso 1$500
GERENTE
Horacio K. de Andrade

DIRECTORES
Sud Mennucci
Mauricio Goulart
Americo R. Netto
ILLUSTRADOR
J. G. Villin

COLLABORADORES:

ALBA DE MELLO (SORCIÈRE), MARIA JOSE' FERNANDES, MARILU', MURILLA TORRES, ELSIE PINHEIRO, COLOMBINA, DULCE AMARA, AMADEU AMARAL, VICENTE ANCONA, RICARDO DE FIGUEIREDO, A. DE QUEIROZ, RAUL BOPP, GUILHERME DE ALMEIDA, NARBAL FONTES, MURILLO ARAUJO, REIS JUNIOR, SILVEIRA BUENO, FRANCISCO PATTI, J. RAMOS, HONORIO DE SYLOS, OLIVEIRA RIBEIRO NETTO, EDMUNDO BARRETO, RUBENS DO AMARAL, PERCIVAL DE OLIVEIRA, FELIX QUEIROZ, MELLO AYRES, AMERICO BRUSCHINI, DE LIMA NETTO, THALES DE ANDRADE, CORRÊA JUNIOR, MARIO L. CASTRO, MARCELLINO RITTER, ANTONIO CONSTANTINO, THEOPHILO BARBOSA, JOSE' PAULO DA CAMARA, LÉO VAZ, ETC.

TESTAMENTO JORNALISTICO

"Sêde orgulhosos do prestigio do vosso jornal, e ostentae vosso pennacho sem fanfarronice, mas com donaire.

II

"No jornalismo, a monotonia é um estado agonico e a uniformidade um caso mortal.

III

"Sêde opportunos. Transformae incessantemente. Um jornalista tem que ser cada dia mais original que no dia anterior.

IV

"Collocae a sociedade antes do individuo, e a Patria antes dos governos, considerando que o homem passa e só as instituições e os ideaes perduram.

V

"Sabei ter amigos e inimigos, sempre que uns sejam dignos da vossa estima e os outros do vosso desprezo.

VI

"Repelli aggressão com aggressão — do mesmo modo economica como literariamente. A forma de viverdes em paz é estardes sempre preparados para a guerra.

VII

"Viveis numa sociedade que fluctua entre o periodo bellico e o phenicio; a espada e o ouro são os adversarios da penna; sacrificae, quando seja preciso vida e fortuna, antes da dignidade.

VIII

"Sede firmes — não, porém, teimosos; ducteis — não, porém, fracos; generosos — não, porém, ingenuos.

IX

"Sêde francos, altivos e energicos, se quereis ser respeitados. A humildade é bôa sómente quando conduz ao calvario e á crucificação — porque conquista a divina immortalidade. Nos outros casos, é uma cobardia vulgar.

X

"Sêde reconhecidos e leaes; em cada ingrato vive um tolo, que se deleita com peccados veniaes, a troco de penitencias eternas.

FELIX PALAVICINI

Representantes de «ARLEQUIM»

LINHA INGLEZA

Santos — Moacyr Serra
Bragança — Plinio Paulo Braga
Piracaia — Lydio Herdade

LINHA PAULISTA

Monte Alto — *Renato A. Penteado*
Campinas — Americo Belluomini
Piracicaba — José Martins de Toledo
Limeira — Nestor Martins de Toledo
Cordeiro — Antonio P. Lordello
Araras — Joviniano Pinto
Pirassununga — Elias Mello Ayres
Palmeiras — Leonidas Horta Macedo
Porto Ferreira — Carlos Fenili
Descalvado — Gabriel de Arruda
Santa Rita — Gabriel Pompeu Piza
Rio Claro — Waldomiro Guerra Corrêa
Annapolis — Pedro Levy
S. Carlos — Ottoni Pompeu Piza
Araraquara — Sizenando da Rocha Leite
Pontal — Antonio Godoy
Mineiros — Sylvio da Costa Neves
Jahú — Dr. Alvaro Gomes dos Reis
Itatiba — Andronico de Mello
Agudos — André Almeida de Godoy
Piratininga — Joaquim Silverio Gomes dos Reis
Duartina — Antonio do Amaral Arruda
Santa Lucia — João de Souza Ferraz
Rincão — Benedicto Moraes Camargo
Guariba — José Leme Brisolla
Villa Americana — Liraucio Gomes
Jaboticabal — Prof. Clodomir F. de Albuquerque
Bebedouro — Antonio Godofredo Leinstener
Collina — Amador de Lima Junior
Barretos — João Baptista de Aguiar
Viradouro — José Decio Machado Gaia
Pitangueiras — Clodoveu Barbosa
Pontal — Prof. Antonio Godoy M. Junior
Ribeirão Bonito — Attilio Ognibene
Brotas — Henrique Antonio Ribeiro
Dois Corregos — João Camillo de Siqueira

LINHA MOGYANA

Mogy-Mirim — Mario de Barros Aranha
Itapira — José da Cunha Raposo
Espirito S. Pinhal — José F de Azevedo Marques
Cascavel — Nicanor Martins Lino
Casa Branca — João Horta de Macedo
Mocóca — F. R. Baena de Castilho
Tambahú — João Barcellos Filho
Cajurú — Francisco Faria Barcellos
São Simão — A. Siqueira de Abreu
Cravinhos — Francisco Gomes
Ribeirão Preto — Antenor Ribeiro
Sertãozinho — Leoncio F. do Amaral
Franca — Antonio Constantino
Batataes — Diogo Pires Corrêa
Jardinopolis — Carlos Azevedo Marques
Orlandia — Oscar de Paula e Silva
São Joaquim — Fernando Brasil
Guará — *Elydio Silva*
Igarapava — Paulo Antunes
Brodowsky — João Benedicto da Costa
Nuporanga — Irma Salotti Machado
Caconde — João Baptista Soares
São José do Rio Pardo — Sebastião de Castro
Amparo — Fernando Rios
Serra Negra — João Lombardi
Soccorro — Luiz Octavio Neves
Mogy-Guassú — Armando dos Santos
Uberaba — Marcellino Gumarães (Minas)
Ararú — Hildebrando Pontes

LINHA SOROCABANA

Capão Bonito — Benedicto Eugenio de Camargo
Sorocaba — J. J. Fernandes Barros
Itapetininga — Elisiario Martins de Mello
Itú — Joaquim Toledo Camargo
Avaré — B. Euphrasio de Campos
Rio das Pedras — Manuel Costa Neves
São Pedro — Julio Oliveira
Capivary — João Teixeira de Lara
Elias Fausto — Vicente F. Bueno
Tatuhy — Eulalio de Arruda Mello
Porto Feliz — José de Toledo Costa
Cerqueira Cezar — Ernani de Barros Avila
Pirajú — Pio Telles Peixoto
Bernardino de Campos — Oscar Rodrigues de Freitas
S. Cruz do Rio Pardo — Quintiliano J. Sitrangulo
Ipaussú — Pedro Leme Brisolla Sobrinho
Chavantes — Elias João Ferrari
Irapé — José Elias Moraes Filho
Ourinhos — José Barreto
Salto Grande — Acacio de Oliveira
Palmital — Romeu Pellegrini
Candido Motta — Decio Teixeira da Fonseca
Assis — Paulo Camargo
Paraguassú — Luiz Gonzaga de Camargo
P. Prudente — Luiz da Motta Mercier
Quatá — José de Ar.mathéa Machado
S. Anastacio — Jeronymo dos Santos Aguiar
Bofete — Dagmar Costa
Indaiatuba — Antonio Oliveira Bueno
Tieté — Acacio Ferraz
Bury — Alcebiades da Silva Minhoto
Faxina — Eurico de Mello
Itararé — Thomé Teixeira
Laranjal — Odilon de Barros Freitas
Conchas — Licinio Alves Cruz
Irapé — José Elias de Moraes Filho
Botucatú — Oracy Gomes
S. Manoel — Antonio Esperança de Oliveira
Lençóes — Henrique Richetti
Itatinga — Dario Monteiro de Britto

LINHA CENTRAL

Cruzeiro — Lafayette Rodrigues Pereira
Pindamonhangaba — José Vieira de Macedo
Campos de Jordão — Delio Rangel Pestana
Guaratinguetá — Julio Penna
Jacarehy — Francisco Roswell Freire
Caçapava — Rodolpho Nunes Pereira
Taubaté — Antonio Luiz Schiavo
Lorena — Francisco Lopes de Azevedo

LINHA NOROESTE

Lins — João Massud
Baurú — Brenno Pinheiro
Pirajuhy — Frontino Brasil
Pennapolis — Gustavo Kuhlmann
Araçatuba — Atoalba Rosa
Cafelandia — Sylvio Barros
Promissão — Antonio Figueiredo
Avanhandava — Victor Sansoni
Glycerio — Pedro Paulo Bucuhy
Avahy — Maria Zulian
Presidente Alves — Aladin Galvão
Biriguy — Gamaliel de Almeida
Tres Lagoas — Elmano Soares

LINHA ARARAQUARENSE

Mattão — Walfredo Andrade Fogaça
Santa Adelia — Salvador Gogliano Junior
Ariranha — Bruno Vollet
Catanduva — João Pires de Aguiar
Rio Preto — Alfredo Leite de Aguiar
Taquaritinga — Malvino de Oliveira
Pindorama — João de Almeida
Itajuby — Octacilio de Oliveira Ramos
Tabapoan — Faustino Negreiros
Ibirá — Sebastião de Faria Zimbres

LINHA DOURADENSE

Bica de Pedra — Tito L. Ferreira
Itapolis — João Ramacciotti
Dourado — Lazaro G. Teixeira
Tabatinga — Francisco Freire
Ibitinga — João do Amaral Sampaio
Bariry — Amador de Arruda Mendes

LINHA ITARARE'-FARTURA

Ribeirão Vermelho — Lazaro Soares
Itaporanga — Carlos de Assis Velloso
Fartura — Benedicto Loureiro de Mello

LINHA S. PAULO-GOYAZ

Monte Azul — Antonio Azevedo Marques
Olympia — Pedro Maciel de Godoy

LITORAL

S. Sebastião — Luiz Damasco Penna
Iguape — F. Faria Netto
Xiririca — Roque Corrêa da Silva

CAPITAL DA REPUBLICA

Amadeu Soares — Rua do Cattete, 186
Odilon Jucá (exclusividade commercial) R. Ouvidor, 164
ALAGOAS — *Maceió* — José Lins do Rego
CEARA' — *Fortaleza* — Gilberto Camara

MINAS GERAES — *Bello Horizonte* — Mario de Lima
Juiz de Fóra — Alarico de Freitas
Cataguazes — Henrique de Rezende
Passos — Wellington Brandão
Santa Rita de Cassia — Argemiro Pinto
Itajubá — Benedicto Pereira

PARAHYBA — *Capital* — Adhemar Vidal
Campina Grande — Irineu Persiano da Fonseca

PARANA' — *Curityba* — Paulo Tacla
PARA' — *Belém* — Alberto Queiroz de Andrade
PERNAMBUCO — *Recife* — Mario Mello
RIO DE JANEIRO — *Nictheroy* — Murilla Torres
RIO G. DO NORTE — *Natal* — Luiz da Camara Cascudo

AS QUATRO TROMBETAS DO APOCALYPSE

1. Apocalipse das angustias humanas na historia dos seculos modernos.

2. As doze tribus de Israel estavam sentadas nas regiões das sombras da morte.

3. E um grito de desespero cortava aquellas multidões, como o relampago que se accende no Occidente e inflamma, numa rajada de luz, a celagem do Oriente.

4. Os braços dos homens se atiravam, num arremesso de vesania, para o firmamento ensoalhado e tranquillo;

5. As bocas, gretadas de febre, rouquejavam ululos de dôr;

6. E os ululos sacudiam, como abalos sismicos, as penhas dos telhados e reboavam, surdamente, nos socovões da cordilheira: Paz! Onde haverá paz?

7. E respondendo ao desvairado appello, uma tuba restrugiu no bojo do valle, congregando as doze tribus de Israel.

8. Um grande silencio pesou sobre todas as cabeças, por espaço de meia hora.

9. E um homem de barrete phrygio, com um ramo de tilia entre os dedos, abalou á turba multa;

10. A sua voz era como a voz das grandes aguas.

11. A paz, porque a' pedis a Deus? Deus é uma mentira dos tyrannos. Morte ao Deus que creou os tyrannos! Morte aos tyrannos que inventaram a Deus! A paz, pedi-a á Razão. A Razão vo-la dará.

12. E as doze tribus de Israel se divisaram, num fremito de demencia; e remeteram, numa arrancada, como aludes nos pendores,, raivando, desbordando, tempesteando...

13. Derrubaram os thronos, e nelles collocaram um titere; deitaram por terra as aras sagradas, e nellas assentaram uma meretriz.

14. E na fronte da meretriz estava escripto em caracteres de fogo: Razão!

15. Mas a Paz?... A paz tardava... As paredes dos carceres abalavam-se ao rumorejar dos prantos e dos threnos; as cabeças humanas tombavam decepadas, na meialua das machinas de morte; os rios cantavam, funereamente, lavando o sangue dos cadaveres.

16. E então, como dantes, os braços descarnados se erguiam para o azul indifferente, como arvores esgalhadas á beira dos caminhos.

17. E as bocas hiantes, como fendas de terremotos, embalde fatigavam os echos: Paz! Onde haverá Paz?

18. E a segunda tuba atroou, longamente, nas quebradas da serra, adunando as doze tribus de Israel.

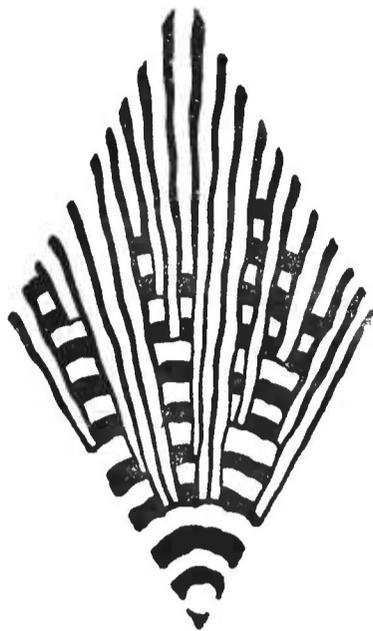
19. E o grande Silencio espalmou, sobre as cervizes curvas, as suas grandes azas de chumbo.

20. E um homem, ou, como então se dizia, um superhomem, levantou a voz, dentre as turbas;

21. E a sua voz era como o rebate do atalaia, rasgando a espessura da noute.

22. Quereis a paz? disse elle. Te-la-eis na egualdade. A propriedade é um latrocinio. Roubae. Incendiae. Matae. E tereis a Paz!

23. A turba multa, num estrondo inaudito, rolou pela rampa clivosa, como se a propria montanha desabasse.

POR NEGREIROS DE CASTRO

24. E os campos, talados, começaram de ostentar vastidões de charnecas;

25. E os incendios ensanguentavam, de polo a polo, o firmamento mudo;

26. E as casas ruiam, fragorosamente, como trovões sacudindo a procella.

27. Mas a Paz? A Paz errava... O odio levantava barreiras intangiveis de em meio ás multidões scindidas;

28. O remorso suscitava nas almas os uivos do chacal entre os escombros.

29. E então, como dantes, os braços apunhalavam crateras de blasphemias. Paz! onde haverá Paz?

31. A terceira tuba retumbou, largamente, pela amplitude da montanha e valle;

32. E o Silencio — de — garras — de — ferro, jugulou as gargatas em febre.

33. E o terceiro homem se ergueu da multidão, hirto e phantastico, qual uma columna de lava;

34. Esse homem pompeava, no peito, um triangulo de oiro e, na fronte, a palavra: Mysterio!

35. E a sua voz, de metal estridente, era o rugido do leão do deserto:

36. A Paz? Porque a impetraes a Deus? Deus é um equivoco da historia. O vosso Deus é o Estado. Adorae-o e tereis paz.

37. E as doze tribus de Israel cahiram prostradas no pó; e arrojaram suas corôas ao pedestal da Divindade nova.

38. O fumo claro e cheiroso do incenso ascendeu, na athmosphera pagan.

39. Mas a Paz?... A Paz fugia. Abbadon, o exterminio feito homem, passava num corcel de flagellos, pulverizando as cidades:

40. E a Divindade, suffocada de incensos, bradava, num muxoxo de escarneo: Quereis a Paz? Te-la-eis no ventre dos abutres.

41. E as doze tribus de Israel deliravam; e então como dantes os braços, nos paroxismos da dôr, arremessavam-se para o alto, como pontes querendo ligar os ceus:

42. E as boccas, torcidas num rictus de amargura, desencadeavam tempestades de soluços: Paz! Onde haverá paz?

43. E a quarta tuba ribombou muito tempo, pelas cavernas da serra, avocando as doze tribus de Israel.

44. E as multidões febricitantes acorriam, de todos os quadrantes do universo, a Cidade-das-Sete-Collinas;

45. E o Silencio-de-manoplas-de-aço comprimiu todos os corações, por espaço de meia hora.

46. Um homem vestido de branco, com tres corôas na cabeça, vingou a montanha sagrada, a cavalleiro do valle;

47. E a sua voz, clara e vibrante, era como um clarim de esperanças, na mudez doirada da tarde.

48. Quereis a Paz? disse elle. Pedi-a aquelle Rei, que, só, vo-la pode dar;

49. E as doze tribus de Israel, transidas de anciedade, ousaram uma timida pergunta:

50. E quem é esse Rei que, só, no-la pode dar?

51. E longo trovão possante respondeu das profundezas do espaço;

52. Os ceus fenderam-se, como o velario do Hieron, e sob delirio dos sóes, num plaustro de relampagos, Christo appareceu, mostrando o Coração chagado.

53. E o homem das tres corôas bradou ás multidões: Eis ahi vosso Rei; dae-lhe o throno que elle merece.

54. E as doze tribus de Israel fabricaram-lhe um throno de gloria, calçado por corações;

55. E prostradas em terra, adoraram-no, cantando: Christus vincit! Christus regnat! Christus imperat!

56. Então as fomes se abasteceram; as sêdes se aplacaram; as lagrimas seccaram; despedaçaram-se as armas; e os homens se abraçaram como irmãos:

57. E por esse arco-gigante, com palmas nas mãos, as doze tribus de Israel passaram, na conflagração apotheotica do occaso, cantando o Cantico Eterno da Paz.

Nossos leitores encontrarão neste numero, illustrações que não são de J. G. Villin, nem de Reis Junior. O primeiro continua a fugir de tempos em tempos porque o coração tambem tem razões... e, como um bom latino, o subtil Villin cede ás razões do musculo travesso!

Reis Junior, o risonho e prodigo Reis Junior, foi para a sua Uberaba ensinar desenho.. ás bellas normalistas mineiras.

"Arlequim" vae illustrado por Pedro de Oliveira Ribeiro Netto, o poeta amigo, que gentilmente nos offereceu o seu lapis veraz.

Pedro de Oliveira Ribeiro Netto, de que os leitores já conhecem os lindos versos que temos publicado, prepara, agora, o seu primeiro livro "Dia de Sol"

Retrato sincero do que sente o artista, teve o titulo que merecia: o dia da mocidade illuminado pelo sol da intelligencia.

"PHENOMENOS REFLEXOS"

São sempre as affirmativas dos medicos, ao auscultarem os seus doentes que se queixam impressionados, de dôres, aqui, ali, acolá.

Pois bem, muitas vezes, observamos isso mesmo nas varias modalidades da actividade humana.

Não deixa de ser um phenomeno reflexo a preferencia do publico que necessita qualquer artigo no genero religioso; phenomeno reflexo da actividade e attenção dos dirigentes da Casa Santa Ephigenia, sita á rua do mesmo nome, n. 45-A, phone 2-3946. Sortimento inegualavel em artigos religiosos em geral. Livros, rosarios, santinhos, paramentos, alfaias, jarras, palmas, estampas, estandartes, filões, imagens de todas as invocações, e tudo o mais concernente ao genero.

Tudo bom, e a preços razoaveis.

M. SILVA & CIA.

PUBLICAÇÃO SEMANAL EM S. PAULO

DIRECTORES
SUD MENNUCCI
MAURICIO GOULART
AMERICO R. NETTO

ANNO I **12 DE ABRIL DE 1928** **N. 15**

Façam o que eu digo...

O dr. Jota é brasileiro. BRA-SI-LEI-RO, em toda a extensão do vocabulo, como elle proprio o proclama.

Filho de paes brasileiros, aqui nasceu, fez-se homem, educou-se, e aqui pretende ser enterrado quando morrer. Já tem carneiro perpetuo no Cemiterio da Consolação...

E' orador fluente e eloquentissimo. E, nos seus discursos, nunca deixa de abordar o assumpto que mais o empolga: nossa terra e nossa gente.

A sua ultima conferencia, que teve por titulo "ABRASILEIREMOS OS BRASILEIROS", foi de um successo formidavel!

".. O Brasil é um paiz ideal! Aqui temos tudo e de tudo! Cooperemos para o seu engrandecimento valorisando o que é nosso, e amanhã, com verdadeiro orgulho, havemos de vêl-o grande dentre os grandes, maior dentre os maiores!..."

*
* *

O dr. Jota é moço elegante e de trato. Comquanto do Brasil só conheça a capital de São Paulo e a do Rio de Janeiro, viajou a Europa toda, grande parte da America do Norte e alguns paizes da Asia. Veste-se bem e toda a sua roupa de cima é talhada em casemira **ingleza**. Os seus chapéus são **borsalinos** authenticos. Não calça meias que não sejam genuinamente escossezas. Camisas, collarinhos, cuecas e lenços, tem-n'os unicamente do mais fino linho **belga**. Calçados, usa os **commonwelth** legitimos e, na escolha de perfumarias para a sua "toilette", é de uma exigencia apurada: **Roger & Gallet, Coty, Houbigant, Gueldy**... Dansa com verdadeira maestria o tango **argentino** e o **charleston**, toma vinhos do **Rheno** e fuma charutos de **Havana**...

*
* *

"Cooperemos para o desenvolvimento do Brasil, valorisando o que é nosso..."

Herculano Vieira

MASCARA DE COLOMBINA

cinzas...

Izabel accordou sobresaltada, ouvindo gemidos e um choro baixinho. Quem seria? Era Nenê. Inclinou-se anciosa para o berço, e viu a creança, muito vermelha, debatendo-se inquieta.

— Nenê, Nenê, amorsinho, que tens?

Outros gemidos mais prolongados se fizeram ouvir, e a creança estendeu os bracinhos para a mãe, com ar supplicante.

Izabel pegou-a amorosamente, aconchegou-a ao peito e depois collocou-a a seu lado, com infinito carinho.

Chamou então o marido:

— Augusto, Augusto!

Augusto accordou estremunhado.

— Que ha?

— Nenê parece que está doente...

— Coitadinha! Que será?

Novos gemidos da creança sobresaltaram os corações dos paes. Izabel poz-lhe a mamadeira na bocca; a menina regeitou-a ennojada, com nauseas.

— Meu Deus, tão doentinha, a Nenê! Que será isso?

Isabel estremeceu. Ella sabia, talvez...

Talvez tivesse feito mal á creança, muito fraquinha, a mudança, aquelle dia, por sua culpa, da hora de comer.

Soaram tres horas da tarde e ella, occupada em abrir, com finissimos entremeios, o seu aventalsinho de cigana, não se incommodara de ir preparar o mingáo de Nenê, que requeria immensos cuidados no fazer.

E, só ás cinco horas, é que os berros da creança esfomeada fizeram-n'a lembrar-se da sua obrigação. Era pois ella, era ella a culpada!

Seus olhos, fatigados, queriam fechar-se, mas um esforço da sua vontade conservou-os abertos.

Deitara-se, havia pouco, vinda do baile, o ultimo baile do Carnaval. Tinha confetti grudados no corpo quente e cheirava entontecedoramente a lança-perfume.

E sua cabeça inda girava, como que nas evoluções das dansas, e as mesmas vertigens a tomavam.

Tornava a sentir seu corpo apertado, muito apertado, junto a um peito de homem, e ouvia as palavras que elle ciciava em seu ouvido, que enchia de lança-perfume:

— Meu amor! Meu amor!

E ella, embriagada, entontecida, pendia a cabeça para traz, com os olhos cerrados, e sentia na bocca o roçar leve de um beijo medroso...

— Meu amor! Meu amor!

As luzes, escondidas em grandes lanternas verdes e vermelhas, eram cumplices excitantes para o peccado.

E ali, a um canto solitario do salão, sentindo esmagarem-se os seus seios contra o peito do rapaz, que a camisa esporte, aberta, desnudava, elle beijou-a vorazmente, como um lobo faminto que devora uma presa.

— Meu amor! Meu amor!

Não dizia mais, mas essas palavras diziam tanto!

O choro dorido da creança despertou Izabel. A madrugada denunciava-se pelas frinchas da janella. Na vidraça batia, lugubremente, gottas de chuva. Pareciam falar.

Ora pareciam dizer:

— Meu amor! Meu amor!

Ora:

— Ella vae morrer, vae, vae...

— Jesus! — murmurou Izabel transida de medo. — Que agouro feio!

Augusto, cansado, readormecera. E os ais da creança não cessavam, doridos como queixas.

— Nenê, amorsinho, socega!

Foi nesse dia, de automovel, a uma cidade vizinha, consultar um medico.

Muito linda e distincta, no seu "manteau" de pellucia preta, seu vulto encantava e prendia.

— Má alimentação, minha senhora, não é outra coisa, disse o doutor. E infelizmente, não ha mais remedio.

Ella sahiu cambaleando, como si tivesse o coração varado por uma flexa.

Assim, era ella, ella mesmo, que matara a filha! Ella, e para não largar de uma inutil occupação, para apressar a confecção da sua fantasia!

Por isso, só por isso, perdia a filha, que era tudo para ella, a sua razão de ser, a sua gloria! Perdel-a-ia, irremediavelmente!

Remorso! Remorso!

Nenê morreu no outro dia, e ás tres horas da tarde o seu caixãozinho deixou a casa, branco, enfeitado de rosas.

E a mãe chorava, sem nada vêr, sem nada sentir.

Mas agora, quando as tres horas soam, despertando a quietude da casa entristecida, parece que seus cabellos se eriçam, e o seu corpo se torna rijo, frio...

Remorso! Remorso!

Iracema

Estradas, casas... o mundo entre nós dois.

Para ver-te, para atravessar esse caminho longo, um mensageiro audaz e rapido, envio.

Corre mais que o vento, ninguem o vê, ninguem o escuta, é leve... o pensamento.

Cerro as palpebras, o coração aberto e vejo-te, querido, dentro do meu sonho louco.

Acaricio-te, sinto-te perto de mim... rumor... ouço... são teus passos, os teus passos, que te levam para longe... para longe de mim!

RINA

No Hospicio de Juquery. Homenagem ao grande psychiatra patricio, dr. Franco da Rocha.

A inauguração do busto do homenageado.

ESCREVENDO UMA CARTA

Escrevo:
— "Querida — Mas, "querida" é pouco
para dizer quanto te adoro.
Como direi que te amo como louco?
que toda noite por ti chóro?
— "Minha vida"... "Minha alma"... "Meu amor"...
— mas é tão pouco ainda.
Como exprimirei a dor,
a doçura infinda de te amar?
— "Minha flôr".
— "Minha estrella do mar
— "Meu amor"... meu amor meu louco amor...
— "Luz de minha alma"
— escreverei assim?
Mas... Não!... A luz é muito calma
para contar o que és dentro de mim!

Nem sei como começar:
— "Minha querida
Sim! Lembro-me agora, agora escrevo:

— "Meu amor.
Tu és o trevo
de quatro folhas, que eu achei na vida!"

OLIVEIRA RIBEIRO NETTO

O dr. Franco da Rocha lendo o seu discurso.

Seria peccado presenteal-as com adjectivos vulgares. E os poucos que nos restam talvez não sejam do agrado dos pápás, dos maninhos e dos... admiradores mais intimos! Perdão, senhoritas, não lhes damos legenda!

Domingo de Ramos! Palmas verdes, palmas bentas que nos livram dos raios perigosos. Sua utilidade entretanto é discutivel na casa destas garotas! Não ha Santo que resista ás supplicas da juventude... que sabe ter sorrisos petulantes.

Esta sahiu da missa sem sorrisos. A palma, mesmo, ella segura nervosamente... Que terá havido?

Um pésinho... outro pésinho, e mademoiselle vae levando pelas ruas feias de São Paulo o sorriso amavel e contente das moças que são bonitas!

As graças não foram tres, foram duas e meia! (Ou, 14 e 30)

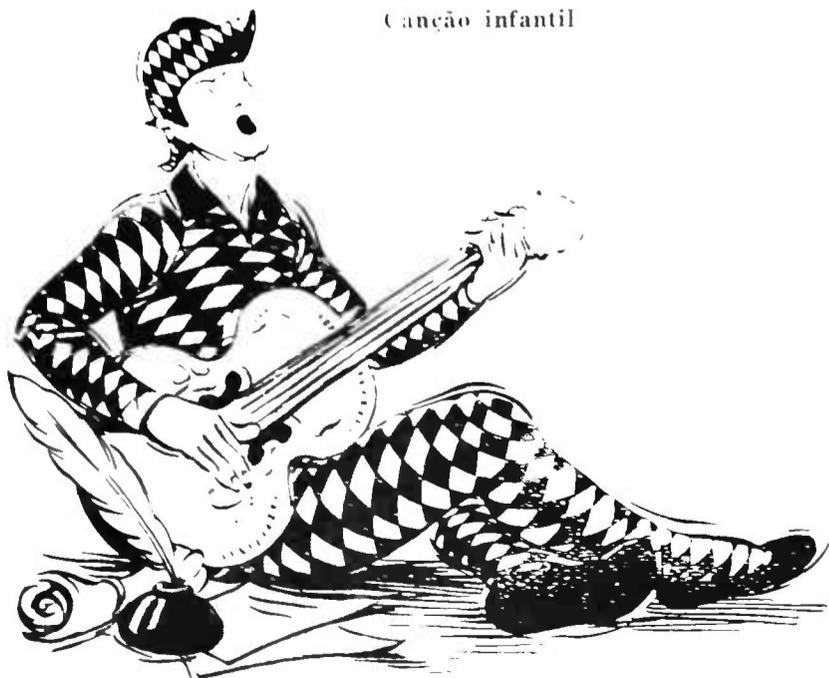
Semana Santa. Religião. Santa Therezinha desceu á terra. Anjos pequeninos encheram de candura as nossas ruas.

Marcello Tupynambá e Leontina Kneese

Marcello Tupynambá, o magico compositor, dará um recital de canções brasileiras no Theatro Municipal, na noite de 20 do corrente. E Marcello, que partirá em seguida para varias Republicas da America do Sul e, depois, para o Velho Mundo, quiz collocar essa sua festa de despedida sob o patrocinio de "Arlequim". Dizer que o recital do dia 20 constituirá, com certeza, o maior successo artistico dos ultimos tempos, é inutil e desnecessario: suas producções serão cantadas por Leontina Kneese, a magnifica contralto patricia.

O programma a ser executado é o seguinte:

Trova nocturna	Murillo Araujo
Supplica	Belmiro Braga
Versos escriptos na areia	Homero Prates
Infiel	Aristêo Seixas
Canção infantil	Narbal Fontes

II

Canção praiana	Philemon Assumpção
Andorinha	Manoel Bandeira
Na paz do outomno	Ronald de Carvalho
Canção triste	Paulo Gonçalves
Cantiga de ninar	Olegario Marianno

III

Pensava em ti	José Lannes
Eu tenho adoração por meus olhos	Cleomenes Campos
Unica	Corrêa Junior
Amor	Menotti del Picchia
Diabinha	Mauricio Goulart

FRANCESCA NOZIÈRES, *uma das artistas mais applaudidas deste nosso Brasil*

ELEGANCIAS MASCULINAS

A elegancia é um conjuncto. Obra de harmonia e de unidade, só póde resultar, assim, da mais cuidadosa escolha dos detalhes e, principalmente, da acertada *combinação* delles. Por isto dedicamos nossa chronica de hoje a alguns pequenos nadas da indumentaria masculina, frequentemente mal comprehendidos e mal usados.

Falemos do guarda-chuva e da bengala. Ou, mais propriamente, falemos apenas da bengala, pois o guarda-chuva deve ficar rigorosamente proscripto do guarda-roupa de qualquer homem que queira apresentar-se bem. Não passa, realmente, de um trambolho, que só se póde

tolerar, isto mesmo a custo, quando enrolado, fóra de qualquer funcção util, mesmo da propria inutilidade de adornar. A bengala direita teve seu periodo aureo, ao tempo em que comprida, vinha quasi á altura do peito, inspirando e permittindo as attitudes senhoris, dominadoras. Desde, porém, que ficou curta, reduzida a dimensões que nem chegam a um metro, tornou-se apanagio dos velhos, que ainda as querem e procuram com castões inverosimeis.

Bengala de volta, portanto. E' a unica admissivel em nossa época. Mas bengala na qual o material seja por toda a parte o mesmo, isto é, que não tenha anneis de metal, cabos forrados, cabeças revestidas, etc. Nada disto. A bengala deve ser toda una e inteira, sem adorno de qualquer especie, principalmente placas e monogrammas. E ponteira de chifre, cylindrica, *não conica.*

Si possivel, convém tel-a flexivel, não tanto porém, que vergue escandalosamente. Deve-se escolhel-a, ainda, de mediana grossura, evitando as côres muito claras e muito lisas, que são monotonas. Alguns accidentes da madeira ou do material, entre outros as differenças pouco accentuadas de tom, servem para tirar á bengala o effeito de monotonia.

A curva do cabo não deve ser muito aberta. Antes um pouco fechada. Cumpre, tambem, evitar as cabeçorras, como, ainda, os nós muito proximos, quando ella é de poucos gomos.

E como usar a bengala? E' difficil dizel-o, ficando mais facil mostrar como se não deve usal-a, pois salvo alguns erros e enganos, o caso depende, dominantemente, de uma questão de personalidade.

Não convém, por exemplo, trazel-a arrastando pelo chão. Nem, tãopouco, tentar sentar-se nella ou chupal-a ou mordel-a, distracção e vicio mais frequentes dos que se julga. E' pouco distincto, ainda, batel-a de ponta, no chão, em trepidação nervosa. Erro tambem carregal-a horizontalmente, suspensa pelo meio.

O melhor systema de conduzil-a em marcha é pendurada na dobra do braço esquerdo. Os inglezes que, como povo, têm, no conjuncto, a mais desenvolvida noção da elegancia, usam-na um pouco como si fosse um sabre, quasi alinhada pela costura da calça, segurando-a com a ponta ligeiramente para a frente, a mão esquerda pegando-a na altura do terço superior, de mo que o cabo recurvo vem quasi tocar a parte mais baixa do biceps. O que tende a tornar a attitude um pouco hirta, sendo desaconselhavel, pois, ás pessôas de pequena estatura.

Para terminar: na posição, tão commum, de parar na attitude de espera, o pulso não deve quebrar-se sobre o castão da bengala. Ou, si o fizer, que seja de modo a dobrar-se para baixo, levantando as phalanges, e não para cima.

Eis

HEKEL TAVARES!

E' elle quem com Sergio da Rocha Miranda realizará, no Theatro Municipal, ás 3 horas deste proximo domingo, um grande recital de canções brasileiras. São Paulo os conhece a ambos e os admira.

Por isso, com certeza o Municipal vae ficar cheinho. Tanto mais que Alvaro Moreyra toma parte tambem nessa festa!

Faz tempo que nasceu ás margens da Central
Na cidade que tem a atmosphera sã...
E aprendeu, com certeza, á Historia Natural
Musicada talvez pela Frauta de Pan...

Depois... depois, Dentro da Noite, em horas mortas
Começou a fazer o seu brasileirismo:
Fundiu Verde e Amarello dentro das retortas
E Syrinx ficou duma vez no ostracismo!

Algum tempo depois o alchimista não tarda
A fazer novamente estupendos ensaios:
— Poz nas costas da Musa uma grande espingarda
E sahiram pro matto a caçar papagaios...

Effe-de-Que.

Cartas de João D...

por PEDROS...

MEU AMIGO:

Vae para dez annos a "Democratic Academy of volant's friend's", de New York, empenhou-se numa crusada santa pela regeneração do genero humano.

Magnanima, a "Academia Democratica dos amigos do volante", não restringiu sua acção generosa ao circulo proximo dos estados norte-americanos. Seus ideaes, grandes e puros, contidos num folheto eloquente, foram espalhados pelo planeta pervertido.

Nelle se falava em "depauperamento organico da especie" e anemismo racial por vida sedentaria; nelle se fazia um appello tocante aos nobres sentimentos de solidariedade humana; nelle se commentava a atrophia de musculos, a tuberculose da vontade e mil outros horrores filhos da pouca pratica dos esportes sadios. Eu sempre fui de temperamentos impressionavel. A pompa das frases e a subtileza dos argumentos convenceram-me de todo.

E, com 4 cartas e 200 dollars fiz-me chauffeur por correspondencia! Digo-lhe, mesmo, que fui approvado com distincção.

Recebi, nesse dia, um diploma brilhante, cheio de vinhetas, sellos e assignaturas, tudo em magnifico papel glacé. Uma gravata a mais para enfeite da minha pessôa. E gravatas usamos todos que é prazer passeial-as, bizarras e novas, pelas casas amigas.

Por gravatas se ferem batalhas! Por uma gravata, talvez, eu rabisque estas linhas.

E creio que só essas fitas, variadas e vistosas, distinguem os seres.

Sem ellas nós somos deploravelmente eguaes. "A fome, o medo e o amôr são as causas reconditas dos nossos esforços."

E o corte e a cor das gravatas é que nos distinguem na conquista do pão, do socego e... do amôr. Em resumo, na vida.

A procura de trapos, inéditos e finos, deve ser a preoccupação constante de nós outros.

Elles nos facilitam a victoria e impedem que o desanimo se estabeleça no mundo e o mate de enfado.

Alegra-me encontrar esses moços que falam por frases polidas e me delicia a parolagem voluvel das moças que leram um milhão de romances.

Respeitemos o fundo das gravatas alheias e não mostremos o avesso das nossas.

Tive um amigo que enfaixava os seus olhos azues de tragedias italianas; era admiravel. Um dia o acaso (ler whisky) m'os desvendou e não encontrei, no fundo, senão um animal, como eu!

Uma namorada, garanto-lhe que tambem tive namoradas, enfeitara-se de sorrisos incredulos para as minhas declarações commoventes.

Por fim o sorriso murchou e esbarrei... com pronomes mal collocados.

Abençoadas gravatas!

Noto, entretanto, contradicções respeitaveis entre esta carta e uma das ultimas que lhe escrevi. O que nem me aborrece, nem alegra.

Não sei si tenho, ou tive razão. A verdade é o que acreditamos.

Admitto tambem que não o seja e quasi subscrevo a hypothese engenhosa de Anatole France: "a verdade é a côr branca do kaleidoscopio".

Em todo caso, estabelecida a theoria das gravatas, feita a sua apologia, deixemol-a morrer!

Que é igualmente agradavel o encontro de Anastacias simples e rudes, que se embriaguem e nos desprezem. Confidente e cozinheira Anastacia me encara com a indifferença que nos merecem os moveis antigos de que conhecemos todas as gavetas. Por vaidade já lhe neguei o livre arbitrio, vesti minha farda, velha e embaraçosa, de diplomata brasileiro, affirmei-lhe a excellencia politica do communismo. Philosopha congenita, Anastacia pouca importancia dá aos me... sorrisos e mesuras co... generosas absolvições...

Mas voltemos ao n... mas mais proximas c...

Sim, meu amigo, ...ximas. E ellas estão, ...pim comprimido.

E' que me resol... difficuldades domest...

As difficuldades ... do progresso e teme... compra por razões...

las de João D'ether

por PEDROSO D'HORTA

importancia dá aos meus discursos. Só lhe arranco sorrisos e mesuras com augmentos de ordenado e generosas absolvições de bebedeiras recentes.

Mas voltemos ao meu diploma de chauffeur e suas mais proximas consequencias.

Sim, meu amigo, porque ha consequencias proximas. E ellas estão, em estrebarias ruminando capim comprimido.

E' que me resolvi, ha tempos, vencidas certas difficuldades domesticas, comprar um automovel.

As difficuldades eram ainda Anastacia, inimiga do progresso e temente de Deus, que se oppunha á compra por razões religiosas.

Como eu a engravatasse de "chauffeuse", Anastacia cedeu, desconfiada e envaidecida, sob a promessa risonha de futuras excursões, eu na boléa, ella atraz, a corrermos o mundo, orgulhosos e rapidos.

E um dia o automovel parou em frente de casa! Calchas recebeu-o com latidos surprezos e, abandonados pelo vendedor, ficamos os tres, indecisos e timidos, olhando pasmados a machina nova.

Encorajou-me, afinal, a lembrança do titulo e avancei resoluto. Entretanto, pouco durou essa nuvem de vaidade que a dissolveu, impiedoso, o vento da ignorancia, com um feixe de alavancas, luzidias e mysteriosas. Luctei, com ellas, uma lucta ingloria, excitado por Anastacia que virava a manivella, resmungando e suando, emquanto Calchas, sem respeito, lhe mordia as pernas, pretas e nuas.

E a machina immovel!

Empurrei os botões, braços e pedaes, em todos os sentidos, sem obter resultados, e Anastacia, pertinaz, dedicada e infeliz continuava, na frente, a fazer girar uma manivella que reputo inutil. De repente, sem razão conhecida, o automovel tremeu e, aos pulos, sahiu pelo terreiro afóra, até encontrar-se com uma pobre arvore, onde ficou, duas horas, escarvando o chão.

A' noite démos o balanço dos prejuizos.

O animal do automovel tinha as vidraças partidas, as azas arrancadas; a buzina emudecera. Os desgastos interiores não verifiquei.

Anastacia negou-me jantar e só appareceu, na manhã seguinte, abatida e temerosa, olhando de soslaio a machina derrotada.

Occorreu-me concertal-a, mas desisti. Pareceu-me melhor comprar dois burros e transformar o automovel num carro exotico e commodo.

Sinto-me nelle perfeitamente á vontade, só lhe notando o inconveniente de exigir dois cocheiros: um para os burros, outro para o auto.

E basta de americanismos: diplomas e machinas. Prefiro os burros, modestos, ponderados e uteis que não me intimidam e que comprehendo.

Interlocutores amaveis, quando lhes falo abanam as orelhas grandes, saccodem as caudas sujas.

Relincham, ás vezes, em repentes loucos de alegria infantil, para recahirem, depois, no monotono ruminar de uma philosophia sceptica.

Encaram-me com dois enormes olhos submissos onde mora um estoicismo suave e onde nada uma ironia mansa.

Emquanto os homens se esfalfam atraz de chimeras, os burros, sabios, ruminam. E ruminar é abrir o espirito ás torturas doces da duvida e da descrença.

Ruminar é ser superior aos fantasmas vãos que povoam e amargam a vida dos mortaes.

Si os deuses me teem presenteado com uma sensibilidade de musico, ou poeta, comporia qualquer cousa sublime, mystica, a terna, que se chamasse:

"A ballada pathetica dos burros".

Apprende a ruminar, meu amigo, para entoal-a com uncção, si a componho um dia.

Do teu

JOÃO D'ETHER

Vo-cê

Para que você ouvisse
O que eu disse p'ra você,
Tudo o que você me disse
Ouvi callado, porque

Você sabe... é maluquice!
Você disse sabe o que?
— Que eu tenho feito tolice
Só por causa de você!..

Mas você não me conhece!
— Você dizendo, parece
Que eu vivo á sua mercê!

Mas você!... que contrasenso!
Está pensando que eu penso
Em você só? Oh! você.

Por isso agora inicio
A fallar, não de você,
E você, bem desconfio,
Vae perguntar-me "Porque?"

Porque vou fallar agora
Das mais gentis senhorinhas
Desta nossa Capital,
Muito embóra, muito embóra
"Estas mal traçadas linhas"
Não me ajudem a fazer tal.

Começo, mas não tenho infelismente
A pureza de um verso crystallino
Que diga tudo o que me vae na mente,
Na cadencia harmoniosa que imagino,
Nem lindas phrases que não foram ditas
Por nenhum trovador do mundo inteiro,
Para dizer as cousas mais bonitas
De si, Maria Paula B. Monteiro!

Bem se vê que não disponho
Do verso cheio de sonho
Que o bardo antigo compunha!
Se assim não fosse, faria
A mais linda poesia
A Cecy Piegas da Cunha!

Não penses, Musa, que é nobre
Este versinho tão pobre
Que me dás! — Quanta fiducia!
Lima a phrase! a rima doira
Mostrando o encanto da loira
Lucia Wright! Loira Lucia!

Dona Lucia pediu-me uma quadrinha
Dedicada á romantica Zalinha,
Zalinha Guimarães, tão sua amiga,
Sem se lembrar, que em pleno sec'lo vinte,
Ella fez reviver com mais requinte
Oitocentos e trinta, á moda antiga...

Cheio de magua profunda
Ao ver a musa infecunda
A minha lyra estraçalho!
Porque, com rima singela,
Não sei dizer quanto é bella
Bella Maria Carvalho!

Se fossem meus versos flôres
De mais suaves olores,
Faria lindas grinaldas!
E com floridos cantares
Decantaria os olhares
Da loira Antonietta Caldas!

* * *

E agora o que está escripto
Você de certo não lê,
Porque tudo o que foi dito
Eu não disse de você!...

Para que você, porisso,
Solemne "estrillo" não dê,
Direi: "Você tem feitiço!
E além disso, um certo que"..

DR. FELIX

Outro aspecto da procissão do Domingo de Ramos. Não é encantador mesmo o geitinho dessa gente miuda?

Os moços que formam a directoria da elegante sociedade que é o São Paulo Tennis.

Em Araraquara.
Tennistas do Araraquara Tennis Clube e do Tennis Clube de Campinas, cercados de torcedores.

ELEGANCIAS FEMININAS

"Tornar inutil um objecto util, eis o que fez a mulher em relação ao lenço. Quem escreveu isso não foi o meu amigo mau, elle anda longe, curando saudades do mar, numa das praias do sul; foi um philosopho inimigo das mulheres.

"Inutil sob todos os aspectos não concernentes a sua exclusiva funcção na vida, a mulher distingue-se pela tendencia de tornar inutil todas as cousas uteis, transformando-as em moda — grande tabu e religião exclusiva dessas eternas creanças.

Meu amigo mau, si aqui estivesse, havia de ajuntar novas razões a essas hypotheses de razões do philosopho.

Eu defendo o lenço tornado inutil e defendo todas as outras cousas do tabú-moda, praticamente inuteis como elle.

Como hoje estou com veia de citações, citemos um trecho da carta do meu amigo mau: "Hei de acabar acreditando, minha amiga, que a moda é o melhor dos dons que a vida concedeu aos homens. Sem ella as mulheres se preoccupariam exclusivamente exaustivamente comnosco. E o mundo seria pequeno para comportar os malucos feitos por essa attenção exclusiva e exaustiva. Emquanto vocês pensam em vestidos, chapéus, meias, sapatos, rouges, etc., nós respiramos. E os homens respiram

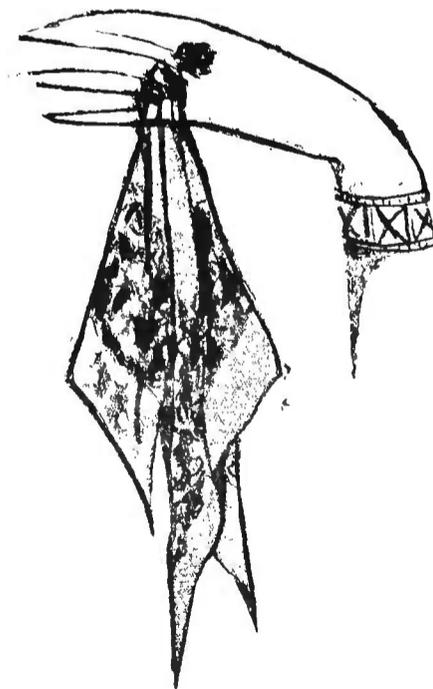
Si hoje elle é usado com mais moderação, não o é entretanto menos ostensivamente. Do mesmo tom que o vestido ou de um outro que o faz realçar preso ao pulso ou simplesmente amarrado na mão, o lenço é usado.

Lenços de mousseline com desenhos, de uma cor lisa com monogramma bordado, enrolado na mão num gesto novo e chic quando se dança, o lenço retoma seu lugar de accessorio elegante.

Completando uma toilette num rectangulo maior prendendo os hombros, é de uma graça incontestavel. Num tailleur sombrio, de talhe severo, é elle que com sua nota alegre, harmonisa os detalhes da toilette.

Marilú

tão pouco depois que Deus teve aquella espantosa idéa de dar uma companheira ao pae Adão. "

Um accessorio da graça feminina, o lenço, está actualmente em voga. Este objecto encantador que conheceu um periodo de desdem, conhece hoje a mesma predilecção como no grande seculo. Nessa época trazia-se elle escondido no jabot para enxugar-se os dedos antes de tirar-se o chapéu deante de seu rei.

CINERAMA

O horror hygienico das multidões devotas levou-me, sexta-feira santa, á segunda sessão do "Santa Helena". E nem só elle mas, ainda, o desejo humilde de purificar o espirito com a solemnidade religiosa de um film sacro.

O cartaz annunciava: "Santa Simplicia", da Ufa, em 9 partes, com Eva May e Paul Richter.

Não tendo tido, até agora, a opportunidade de examinar aqui a cinematographia allemã, faço-o com prazer e temor. Que a julgo grandiosa, ás vezes, e outras detestavel. "Santa Simplicia" é um drama edificante, imaginado talvez pelo cerebro ingenuo de um moralista rude. E' uma historia bonita, irreal, dessas que embalam a infancia da gente e nos fazem vêr demonios mysteriosos na parede branca de um quarto escuro.

O seu enredo fantastico fez-me pensar, de começo, que se tratava de uma lenda retocada.

Recusei, entretanto, a hypothese por espirito de cortezia. Isto porque se me afiguram fracos todos os adjectivos fortes com que se castiguem esses barbaros modernos que nos roubam os mais preciosos motivos de sonho para atiral-os á valla commum dos films vulgares.

As lendas leem-se em casa, nas noites frias, nos livros velhos. Quando o silencio amortalha as cousas e a imaginação, na calma das horas que fogem, pode supprir as lacunas, vestir e animisar os personagens. Si "Santa Simplicia" é uma lenda, digo-lhes que temos furtados, si não é, vejamos o que vale como drama.

Estamos em plena edade-media, no anno da graça de 1170.

O film principia levando-nos para o castello feudal do sr. cavalleiro Rochus.

Bello animal de 30 annos, o cavalleiro Rochus é um ser complicado, incoherente, absurdo, que me espanta e desnorteia.

As apparencias lhe emprestam todos os vicios e virtudes dos nobres de sua epoca. Eu o suppunha um amavel guloso de bons pratos, bons vinhos e mulheres robustas. Corajoso, brigão, irreflectido, temente de Deus e observador fiel das galantes regras da cavallaria. Pois o senhor Rochus não é nada disso, tanto é verdade que neste mundo de apparencias nada nos illude como as proprias apparencias.

Elle crê em Jesus-Christo e Satanaz, o que é razoavel; prefere, entretanto, servir o "principe das trevas" e não nos diz porque.

Como chegue ao seu castello um mendigo cégo, os famulos, reunidos no pateo, dão-lhe noticia de uma freira, residente no convento de "Christo Salvador" que opera milagres estupefacientes. A freira é Simplicia de quem, uma creadita, credula e linda, nos conta a vida e os milagres. Uma outra servente, tambem encantadora, mas de espirito forte, nega a santidade da freira. Segue-se uma discussão e rixa de que resultam duas observações:

a) desde a edade média as mulheres acreditam na efficacia offensiva dos cabellos puxados.

b) desde a edade media as [illegible] e os [illegible] são tidos como argumentos com [illegible] nas discussões religiosas.

A todas as scenas precedentes assistiu Rochus, o cavalleiro perverso, de um terraço [illegible], de olhos e ouvidos attentos o que dizem e fazem os seus turbulentos [illegible].

Quando mais forte vae a lucta desce o cavalleiro, e faz pr[illegible] distribuição de varadas e desaforos. Desfeito o conflicto, arma-se pedi[illegible] parte.

A seguir, o olhar prenhe de sinistros projectos, elle recommenda ao porteiro:

> *"Se os amigos me procurarem diz-lhes que fui vêr quanto tempo se leva para transformar uma santa numa peccadora."*

Essa frase fez-me duvidar da integridade mental de Rochus que, ou é louco, ou não passa de um fatuo, covarde e burro.

Do alto de uma collina Rochus assiste a uma missa campestre em que toma parte Simplicia.

Finda a cerimonia approxima-se da Santa, o cégo que ja conhecemos e, como a moça lhe toque os olhos, o bom homem passa a vêr como qualquer de nós.

Todos se ajoelham, menos o cavalleiro, que rumina projectos tenebrosos. A' noite apresenta-se elle no convento e, dizendo-se exhausto, obtem pousada. Quando todos dormem, menos a santa, que reza na Igreja, Rochus avança até ella e, em nome de Satanaz, a intima a seguil-o e a furtar os vasos sagrados. Simplicia não relucta, apenas observa que o fará se Deus quizer. E parece que Deus quiz porque ella parte com o cavalleiro.

No meio de uma floresta Rochus a violenta e pergunta-lhe, depois, se será capaz de fazer milagres, tendo pertencido a um homem que não o seu legitimo esposo?

A santa diz que sim, si Deus quizer; e Deus quiz porque ella cura uma ferida do cavalleiro. E vão os dois, mundo afóra, elle a tental-a e ella a ceder, invocando o santo nome do Senhor.

Santa Simplicia, pouco dada á philosophia, nega o livre arbitrio com uma serenidade que espanta e maravilha. Quando Rochus a intima a envenenar um pobre homem, a incendiar uma cabana, a atirar sobre outrem, a santa redargue: "Nada se faz sem a vontade de Deus."

E, amparada por esse raciocinio ingenuo, ella envenena, queima e atira.

Entretanto, para desdita dos escholasticos, parece que ella tem razão pois de seus crimes resultam beneficios milagrosos que indicam, sem duvida possivel, o dedo de Deus a sustental-a.

Em aventuras semelhantes fogem os 8 primeiros actos. Vem finalmente o nono. Rochus, cada vez mais perfido e cruel, vae com Simplicia para uma hospedaria e, num requinte incomprehensivel de maldade, ordena-lhe que se esconda na cama de um desconhecido, a noite toda, para ver si sae pura, na manhã seguinte.

Simplicia obedece e, com o "placet" divino, enterra um punhal no coração. Rochus encontra-a morta, indo procural-a, pouco depois, e leva o seu cadaver para o convento.

Os camponios querem lynchal-o e só não o fazem dada a intervenção opportuna de uma madre romantica.

A salvação do cavalleiro Rochus aborreceu-me bastante. Detesto cordealmente esses peccadores brutaes, deselegantes, que fazem o mal pela volupia de ganhar o inferno.

Salvo por uma freira o cavalleiro se fecha na Igreja com o cadaver de Simplicia e é encontrado morto, tres dias depois, com uma physionomia beata, apertando na sua a mão da santa.

Como se vê, o meu desejo bom de scenas castas foi ludibriado pelo cartaz do "Santa Helena". Nem por isso censuro o sr. José Gammaro, gerente do theatro, que só tem o defeito de fazer literatura nos programmas, e má literatura. O que, se é um mal, é mal generalizado! As photographias de "Santa Simplicia" são bastantes nitidas, as caracterisações perfeitas, os scenarios comparaveis aos das melhores fabricas norte-americanas.

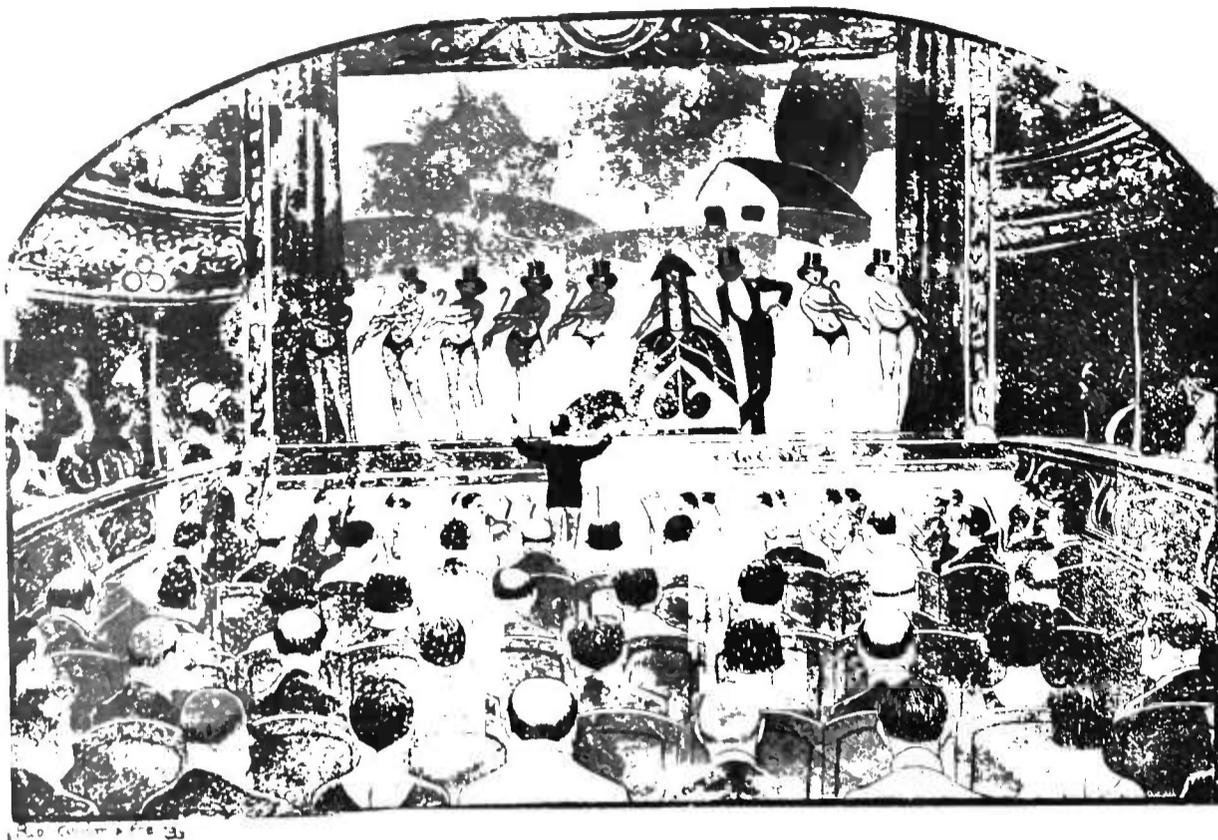
Os allemães são mestres na arte de formar ambientes; uma aldeia medieval é uma aldeia medieval; uma hospedaria é uma hospedaria. Creio que melhor elogio não lhes posso fazer; não posso, nem sei. Apenas... essa divergencia entre a philosophia de Santa Simplicia e a doutrina dos doutores da Igreja me atrapalha um pouco.

Emfim, como não sou theologo!

PEDRO HORTIZ

Louise Brooks — deliciosa !

Mary Bryan, a menina alegre de olhos suaves e mão fidalgas

Elegancia

Num Theatro 60 °/₀ são Calvos!

PORQUE NÃO COMBATER DESDE JA' O MAL ?

Quando V. S. fôr a um theatro observe que 60 % dos espectadores são calvos.

A calvicie, em geral, provém do mau trato e desleixo de muitos, para com o cabello. E tudo quanto é mal tratado, caminha a passos largos para a degeneração.

O cabello é atacado, constantemente por innumeras molestias, que precisam ser combatidas, sob penna, de alastrarem-se por todo o couro cabelludo, exterminando-o por completo.

As caspas são um dos maiores inimigos do cabello. Essas caspas que V. S. vê no seu cabello, serão com certeza, a causa da sua futura calvicie.

A Loção Brilhante é absolutamente inoffensiva podendo, portanto ser usada diariamente em qualquer tempo indeterminado, porque sua acção é sempre benefica.

Usando a Loção Brilhante V. S. combate os cabellos brancos e terá a cabeça sempre limpa e fresca. E o cabello forte, lindo e sedoso. Evitará as caspas, a queda do cabello e a calvicie.

A Loção Brilhante não mancha a pelle, nem queima os cabellos, como acontece com alguns remedios que contém nitrato de prata e outros saes nocivos. E' recommendada pelos principaes Institutos Sanitarios do extrangeiro e analysada pelo Departamento de Hygiene do Brasil.

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

NÃO ACCEITEM NADA QUE SE DIGA SER "TÃO BOM" OU "A MESMA COISA": PODE-SE TER GRAVES PREJUIZOS POR CAUSA DOS SUBSTITUTOS. EXIJAM SEMPRE

UNICOS CESSIONARIOS PARA A AMERICA DO SUL:
ALVIM & FREITAS — R. DO CARMO, 11 — S. PAULO

O primeiro concurso de ARLEQUIM

O Cupido moderno devia ser representado empunhando uma caneta. Todo namorado, por menos amigo das musas que seja, perpreta por ahi a sua literaturazinha ás occultas... Verdade é que nunca se fizeram cartas de amor tão insipidas, como actualmente. Não há mesmo fugir deste dilemma: ou o namorado de hoje não ama, ou ama e é incapaz de transmittir o que sente. José Enrique Rodó, o estilista maravilhoso dos **"Motivos de Proteo"** *escreveu certa vez: "Cuantas cartas marchitas e ignoradas merecian exhumar-se del arca de las reliquias de amor!" Não nos parece tenha lá muita razão o arguto pensador de* **"Ariel"** *Como porém temos a sua palavra na mais alta conta, abrimos um concurso, para premiar o autor ou autora da mais bella carta de amor que nos for enviada.*

Meu amor

Vae nesta carta, que não suspeitará nunca a você dirigida, todo o affecto enorme, sublime, porque impossivel, que eu lhe tenho e você não percebe. E porque não o percebe você? Porque eu, com essa minha paixão louca, não supporto siquer o pensamento de que você, sabendo-se tão exclusivamente amado por mim, se torne banal e vulgar como os demais homens, acceitando e, estou quasi certa, retribuindo este affecto, que é a suprema tortura de minha vida! E se tal acontecesse, se nos tornassemos dois vulgares amantes, trahindo ambos a fé jurada deante de Deus e dos homens, attrahindo a colera divina para as innocentes e queridas cabecinhas de nossos filhos, nos sentiriamos, nós mesmos, amesquinhados, diminuidos, um perante o outro. E os nossos beijos, que travo não transudariam em nossos labios, quando estes, apaixonados e ardentes, sequiosos e soffregos, se buscassem, se procurassem, se confundissem... Ah! meu querido amigo, que tortura, no entanto, é toda esta virtude, que não resistiria, talvez, a um seu olhar quente e amoroso!... Dahi todo o meu cuidado, a minha extrema reserva em attitudes, gestos e olhares, quando tenho a suprema delicia de vel-o e ouvil-o, para que você não perceba nunca que o amo loucamente, desvairadamente...

E depois, meu amôr, sabe o meu grande receio? E' que esta paixão, como as outras satisfeitas, se banalize, se extinga... Seria, então, uma tortura mil vezes maior! E esta é que julgo a verdadeira paixão, a paixão por excellencia: a que nunca se satisfez, a que não se diminue, a que se sublima, na tortura, na dôr, no sacrificio! e é a que o acompanhará sempre, meu perdido amôr, através da vida, distanciadamente, numa dolorosa renuncia..

NORMA

Minha

Escrevo-te, vendo ao longe manchas auri-roseas no horizonte... Tambem o céu sente a saudade da tarde cheia de luz, que aos poucos vae morrendo. Emfim, o céu tem a consolal-o, na sua treva, uma multidão de pequeninos olhos que se entreabrem brejeiros, furtivos, crivando a face da noite de minusculas promessas douradas, fogos fatuos da seducção...

E eu, para a minha tristeza, noite das noites, tenho dois astros, que não vejo; para o meu inverno, que lembra o derradeiro inverno, tenho dois sóes, que longe de mim, não me aquecem, não me vitalizam..

Ouço que a cidade inteira explode em verdadeira nevrose de lucta intensa e proficua. E eu paro, em meio desse dynamismo estonteante, ingenuo, incorrigivelmente sonhador, como se escapasse por milagre ou por molestia aos phenomenos que convulsionam multidão formigante. Paro e olho e penso, insensivel á belleza do trabalho que nobilita, julgando-o irritante, inutil, inocuo, inverosimil, só porque, dentre as suas tentaculares ambições, nos seus complexos objectivos, tu não estás como ideal a ser conseguido.

Os milhões que geram Harpagão, eu os desejo, é certo; mas, para com elles cegar, pelo excesso de luz, esses, a cujos olhos cégos, eu seria um deus. Os dedos de Midas, aurimetamorphoseando tudo, eu os quizera para, com elles, metalizar essas larynges, formas de infamias, e essas consciencias maldizentes do amor, que, de ouro, seriam os clarins da minha, ou antes, da nossa apotheose.

E depois de lançar, um a um, como baldões, todos os ouropeis, depois de chicoteal-os com açoites adamantinos, eu, então, pobre, mas rico como Creso, porque senhor de ti, todo o meu mundo, iria, como particula infinitamente pequena, mourejar, sol a sol, na lucta extrenua do pão de cada dia, dando um grão de areia á Babylonia do Progresso e, alternativamente, uma lagrima de solidariedade á Dor universal e um sorriso de alegria para os momentos felizes da Humanidade...

Só assim, eu seria um operario exemplar, se me dissessem: trabalha, trabalha muito, trabalha sempre e ella será tua!

Adeus. Vê se consegues da Felicidade que não perca o mundo um obreiro da Civilisação...

TEU

A inutil procura

Bem cedo, de alegria e de esperança,
elle veio vestir meu coração.

Fui crescendo e o meu sonho de creança
fez-se amavel motivo de emoção.

E a vóz interior, que estimulava
aquelle lindo sonho que eu sonhava,
certa vez me falou:
"Parte. Procura.
Revolve o céo e a terra:
has de encontrar A que o teu sonho encerra".

E eu dizia commigo:
"Que ventura
encontrar algum dia quem não queira
senão tudo o que eu quero;
quem não pense senão tudo o que eu penso;
porque este amor ha de ser tão sincero
e ha de ser tão intenso,
que ha de durar a minha vida inteira."

E parti sem demora. Peregrino
do amor, de tenda em tenda,
sem conhecer ao certo a minha senda,
meu estranho destino,
buscando a Bem-Amada,
caminhei ao acaso longos dias,
noites longas e frias,
em penosa jornada.

Uma noite afinal, triste e cansado,
eu ouvi outra vez
a voz interior que me dizia:
"Ella existe talvez;
talvez como A sonhaste:
— um milagre de graça e de harmonia —.
Mas, tão longe de ti que A não alcança
teu pobre coração enamorado...
Pois bem longe de ti a collocaste."

RAUL SANTOS

Canção

Canta natureza!
Canta uma canção de sol!
Ella vae chegar...
E' preciso que ella não saiba
Qu'eu estive a chorar.

Canta meu coração!
Canta uma canção de risos.
Uma canção alegre,
Tão alegre
Que chegue quase a ser nupcial!

Que haja entrechocar
De guizos,
Gargalhhadas de luz,
Sons surdos de caixas,
Echos de carnaval!...

Não chores Mocidade.
Teu desespero pode ser fatal.
Tuas lagrimas poderão magoal-a..
Ella é tua irmã..
Eu hei de ser feliz...

Cheio de saudade,
Sorrindo,
Eu viverei comtigo
Em meus filhos, em meus netos,
Na minha geração!

Adeus, Mocidade!..

Tu viverás commigo
No meu coração!...

DE LIMA NETTO

Chrysantemos desfolhados

da. São cinco horas. Através das bambinelas, vejo ao longe da rua os candieiros hirtos e somnolentos bocejarem. Mais distante, as arvores duma alameda espreguiçam-se, abrindo os ramos no céo tingido de vermelho — envergonhado pela nudez da aurora.

Há muito que pretendia responder á tua carta. Alarmaste-me com as tuas conclusões. Acautela-te com esse estado. O scepticismo é a anemia da alma. Recordas-te do fim de Manoel Coutinho, aquelle rapaz franzino que vestia com suprema elegancia? Sei que o estimaste.

Mas a sua historia vou-ta contar: Manoel Coutinho Moraes Sarmento foi o bacharel mais extraordinario que conheci. Espirito sceptico, a vida valia pela pouca commodidade que offerece e o prazer pela diminuta espiritualidade que encerra.

Foi o derradeiro rebento da sua raça e um aborto commum de convenções. Conheci-o num baile do "Theatro S. João" por occasião dum despreoccupado Carnaval. Dessa noite datou a grande amisade que nostrouxe sempre juntos, numa perfeita familiaridade de irmãos que nunca descem a intimidade baixa da camaradagem.

Tinha um culto fanatico pela elegancia que dizia ser a melhor expressão da delicadeza subjectiva. Os seus actos não obedeciam ás prescripções duma moral severa. Fazia o bem porque praticar o mal era inesthético, era introduzir a desharmonia no rithmo natural da vida. Para elle tinha mais valor uma attitude acompanhada duma frase feliz do que uma acção nobilissima, expontanea, dum coração timido. Considerava as convenções e dogmas como enganos generosos que os legisladores e os poetas derramaram, ás mãos cheias, para embellesarem a existencia. Os santos e os heroes... Pff! — Homens vulgares que a vaidade move e aos quaes a força imperiosa das circumstancias empresta uma attitude. A crença os levou aos altares. O enthusiasmo os collocou sobre pedestaes. Christo, mesmo fôra o maximo poeta da attitude e da frase.

Achou vulgares as mulheres. Despresou-as.

— São seres inesthéticos que não possuem como nós, homens, o perfeito equilibrio do sentimento, confessou duma vez, entre duas baforadas do seu fino "Abdula".

Frascos de extractos de prazer, de que devemos utilisar com moderação...

Intelligente e subtil tudo sophismava com logica.

Nunca a figura sombria de Hamlet foi tão bem interpretada no palco impressionante da realidade. Como do protagonista shakspeareano se poderia dizer que Manoel Coutinho foi a expressão fundamental da duvida. Se algumas ocasiões se calou, foi por humanidade. Considerava que uma illusão que se apaga é uma estrêa a menos na vida. Bastavam os annos para desfolharem a crença, reduzirem a alma a uma haste de acúleos, a transformarem a uma almofada de alfinetes de dores.

Pois olha: esse esclarecido amigo escreveu cartas romanticas; queixou-se amargamente da Realidade; terminou, suicidando-se, por uma mulher.

Chamado um dia pelo seu correspondente para liquidar uma herança subita, partiu para S. Paulo. Durante seis meses recebi algumas cartas datadas desta magnifica cidade "onde se sentia perdido como uma agulha num palheiro, não o interessando as mulheres com as suas ancas opulentas, todo o voluptuoso poema das suas linhas excitantes."

Pouco depois, cessaram as noticias.

Passaram-se duas semanas. Mais outra. Emfim, decorreram monotonos e tristes quatro mezes christãos. Chamei-lhe, então, ingrato. Injuriei-o na presença da figura abatida e timida da minha amisade fiel.

E um dia, passando, vertiginoso, pela Praça da Batalha, um amigo nosso, o Queiroz, deteve-me por um braço, cravando-me, subitamente, desapiedadamente, esta frase cruel:

— O Manoel Coutinho suicidou-se.

E narrou-me uma historia triste que quasi me fez chorar.

Quiz mais tarde, o destino, um destino moderno sem as barbas longas e alvas e a calva espelhante do deus pagão, que partisse para o Brasil, chegasse a S. Paulo.

Cheio de saudades do meu incoherente suicida dei-me ao prazer melancolico de reconstituir o seu drama. Era facil. Dois annos tinham somente decorrido. Ainda escorriam em dôr as tintas frescas daquella recordação. Visitei a sua campa. Demorei-me no seu quarto, interpretei a sua vida, suggestionei-me a mim mesmo, soffri o seu soffrimento.

Fiz mais. Procurei um parente de Manoel que me contou toda a verdade do rejuvenescimento do seu espirito e da decadencia moral do seu caracter.

Manoel Coutinho amara uma mulher que por acaso encontrara no cinema "Central". Não fôra correspondido.

Endereçara-lhe cartas ultra romanticas. Não obteve resposta. Fez-lhe serenatas sem resultado.

E uma noite, desesperado, vestiu-se gravemente, elegantemente, como para uma cerimonia — casaca bem talhada, camisa branca de peito espelhante, laço da cambraia, até "chatelaine" no bolso do colete. Saiu, depois, dando umas boas noites breves á locatária que encontrara na penumbra da escada.

A's duas horas da manhã, a dona da casa ouvindo rumor surdo no andar inferior que Manoel lhe alugara, suppoz ser um movel cahido, uma janela que o vento, violento e frio, tivesse fechado com força.

Quando de manhã, segundo o costume, bateu á porta do quarto do hospede para lhe levar o café, não teve resposta.

Repetiu as pancadas.

O mesmo silencio. Resolveu entreabri-la. Estava fechada pelo lado de dentro. Afflicta e tremula, correu a chamar o marido que desceu apressado. Este bateu com estrondo. As paredes abalaram. Um quadro tombou da parede. — Nada!

Com um encontrão forte forçaram a entrada.

... E sobre uma das "maples" Manoel Coutinho, com a cabeça recostada em almofadas de seda, muito palido, muito sereno, parecia dormir. Da fonte esquerda corria-lhe um fio de sangue, já coagulado. Sobre o joelho da perna trançada, um livro. Era a "Ibis", aberta na segunda pagina, com este pensamento sublinhado a vermelho "**el hombre que ama es un conquistador vencido por su conquista**".

Perguntei ao parente amavel se conhecia a mulher fatal.

— Perfeitamente. Era uma mulher sympathica de elegancia vulgar, a que Manoel, emprestou, generoso e apaixonado, qualidades que não possuia. Conheceu-a num momento de crise, quando me acabara de confessar:

"O corpo pede-me casamento, a alma suplica-me um lar. Estou cansado desta vida de anacoreta, vivendo num deserto de realidade."

Amou aquella mulher como adoraria outra qualquer que se lhe deparasse, concluiu com tristesa.

Vê lá, agora, dilecto amigo, se tambem queres terminar como Manoel Coutinho acabando por te suicidares...

Ex corde

Bastos Cordeiro

CARTAZES

de Paulo Tarso Mendes de Almeida

E' o primeiro livro de um poeta moço. E' o espelho delicado das emoções mais finas de um feixe de nervos que já sentiu a vida; é o resumo risonho das crenças e desillusões de um cerebro atacado do mal de pensar.

Ha, nos versos do sr. Mendes de Almeida, uma volubilidade humana e sorridente de que resalta a transitoriedade das tragedias intimas, e reconforta, e anima.

Por exemplo, compare-se o pessimismo deste ultimo terceto de "Tédio":

"E sinto, cada vez mais,
pesada como chumbo,
a inutilidade de viver."

com o optimismo travesso de "Aspiração":

"A lua...
O mar ..
Uma ilha...
E na ilha,
entre jardins,
branquejando
ao luar,
uma casa...

E nessa casa...: tu!
Tu — perfumando
isso tudo!
Ou tu, até mesmo
sem nada:
sem a lua,
sem a casa,
sem a ilha
e sem o mar!...

Isso é a vida. Uma alternativa de télas alegres e sombrias, e isso é uma licção que esse moço dá aos velhos.

Theodore Banville dizia:

"J'aurais voulu que le poéte, delivré de toutes les conventions empiriques, n'eût d'autre maitre que son oreille delicate, subtilisée par les plus douces caresses de la musique. En un mot j'aurais voulu substituer la sciencie, l'inspiration, la vie toujurs renouvelée et variée à une loi mécanique et immobile."

Eu direi, entretanto, muito em segredo, que ainda prefiro os antigos versos medidos e rimados, à musica discutivel e ao rythmo difficil da poesia moderna.

Enfadam-me, comtudo, os lugares communs e a oratoria que os antigos nos servem de tempos para cá. Com prazer se leem os versos vivos do sr. Mendes de Almeida.

Aliás do seu livro só posso falar com amizade e carinho que elle tem, como eu, o culto religioso das canções brasileiras, tão doces, tão nossas.

"A canôa virou,
Pois deixal-a virar"...

Ah! as canções, velhas canções da infancia!
Dellas a nós, como um incenso,
Sobe suave, maravilhosa fragrancia"!...

E sou ainda grato ao sr. Mendes de Almeida por não se ter esquecido das pretas antigas, bondosas, credulas, pacientes, que nos embalavam, meninos, contando historias fantasticas...

A ellas, farrapos obscuros de uma raça humilde, o autor dedica a, talvez, mais delicada poesia do seu livro.

Vejamos este começo:

"Mamãe preta que me embalou,
eu bem me lembro de você" ..

"Eu era tão pequenino,
e, para os meus olhos de criança,
você, na luz fraca do quarto,
era apenas uma sombra
na brancura da parede"...

"Mamãe preta, mamãe preta,
eu não me esqueço de você..
e a tenho sempre no olhar
da Saudade, que tanto vê" ..

"Mamãe-preta, si eu não dormia,
sua voz, fanhosa e rouca,
com brandura me dizia:
"Drume, drume nhonhozinho,
sinho parece zumbi
preta veia tá cansada
e o sinhô não qué drumí"...

"E eu custava a dormir...
E você, com paciencia, ficava sempre a velar...

Ficava sempre a meu lado,
cantando, num tom maguado,
cantigas da sua raça,
— Mãe preta que me embalou"!

E o poeta prosegue, nessa linguagem sentida e simples.

Mas nem só de canções e saudades é feito o livro!

O amôr ainda é uma das grandes preoccupações do sr. Mendes de Almeida. Vêr: "**Ingratidão**" — "Conselho" — "**Sonho Branco**" — "**Cantiga**", etc....

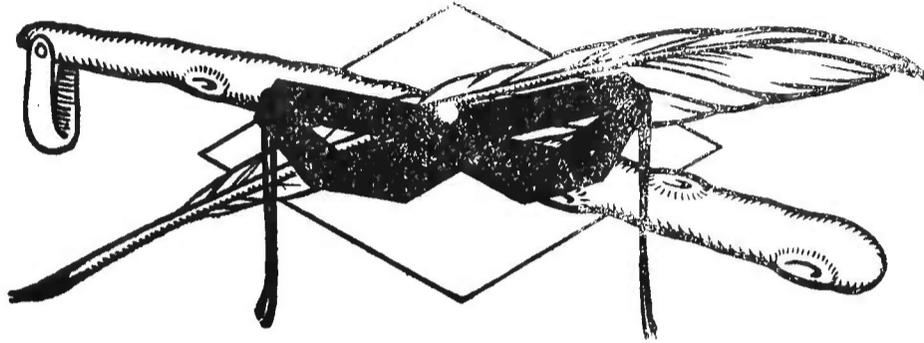
"Cabarê" é uma photographia interessante e colorida disso que nós chamamos. . "cabaret"! A poesia termina assim:

"E o moço sentimental e triste
que ficou pensando nas palavras do tango
que passaram na bóca de uns olhos negros
no braço do capitalista
cantando assim:

"No te quiero más,
ni te puedo ver..."

"Cartazes" ainda tem cousas dignas de serem lidas, com cuidado, taes como: "Italianinha" — "Familia feliz" — "Funccionario publico" — etc.... O leitor, entretanto, que os procure, pois não posso reeditar, aqui, o livro do sr. Mendes de Almeida!

O trabalho graphico, da Livraria Liberdade, nada deixa a desejar.

PEDRO HORTIZ

Os pontos de vista do dr. Josias

QUEBRA-CABEÇA — Comprehende-se, acaso, uma funcção moralizadora na literatura, ella que explora a sinceridade incoherente dos actos e ditos alheios, em horas differentes, em momentos varios, quando se negam e quando se desdizem?

A ROTAÇÃO DO RIDICULO — A crendice são os vestigios do espirito de observação dos antigos. Foram os fenomenos da vida que os impressionaram e lhes fizeram deduzir regras que nós, hoje, julgamos falsas e nos fazem rir.. esquecidos do quanto hão de rir de nós, depois de nós...

Uma theoria philosophica ou literaria é como uma estrada de rodagem.

Encontra-se um morro: seria preciso cortal-o... mas fica caro. Contorna-se. Encontra-se um valle: seria preciso aterral-o... mas fica muito caro. Contorna-se. Mais facil ainda seria ligar os dois pontos, o de partida e o de chegada, por um cabo aereo... Mas fica muitissimo mais caro, mesmo do ponto de vista do estudo. E a vida é tão curta...

Fiquemos, commodamente, na estrada de rodagem.

PEDAGOGIA PRATICA — Em amor, como em xadrez, quem está de fóra é que enxerga melhor.

A ORIGEM DO HUMORISMO — O começo do Velho Testamento sempre me impressionou como obra de profundo symbolismo humoristico. Fazer depender o apparecimento da especie sobre a terra de uma curiosidade feminina, motivada pela gula, que dá origem, por uma naturalissima consequencia biologica, a outra imperiosa necessidade animal, no tom em que está redigida, é, sem duvida, obra de humorismo, e, — vá de piada — si foi de facto o Senhor Omnipotente quem dictou aquellas deliciosas paginas do episodio do Eden, força é reconhecer que Jehovah tinha mais espirito que Voltaire e mais "sense of humour" que Jonathan Swift.

REGRA DO BEM VIVER — Com mulher não se discute. Quando o homem tem toda, mas toda a razão... empata.

A arte é uma formula de equilibrio para a ansiedade do homem. Mas não é a unica, nem a primeira. Ha a religião, ha a sciencia, ha a philosophia. Porque, então, reconhecer o caracter de inutilidade só á arte e não a todas as outras manifestações?

Não seria mais logico suppor-se que nas sciencias, o caracter de utilidade é apenas uma consequencia? Excrescencia que surgiu depois, como, aliás, na propria religião e na propria arte?

1.º DE MAIO — Dia consagrado ao trabalho por meio da vadiação.

O BALCÃO INFANTIL — A pratica dos premios escolares é justa e é logica: a marioria absoluta dos homens é crente. E a crença não passa da espera de uma recompensa.

Eu não gosto das mulheres virgens e isso não está em mim, é instinctivo. Têm-me um ar de fruto verde, insipido e acido; uma feição não de innocencia, mas de inexperiencia, que faz necessario todo um noviciado de preparo. E iniciar os outros é sempre desagradavel. Não ha nada mais comico do que a ingenuidade de quem não quer ser ingenuo.

A mulher feita, ao contrario, quando nada nos dá, sempre nos entreluz a possibilidade de um temperamento inédito, de uma linha nova e personalissima, que nos incumbe decifrar. Haverá encanto maior?

*

Está conforme.

Sud Mennucci

Os ultimos typos que Villin viu

Ah! Se elle tivesse um automovel! Nem que fosse um fordinho .

Dois que vieram de outras terras, de muito longe. Agora, velhinhos, lembram-se ainda. Por que a gente não se esquece nunca de esquecer?

nesta nossa S. Paulo cosmo-polita

A' sahida do circo, o "quentão" reconfortante. Do frio, é claro...

Um que não se esqueceu, ainda, do cachimbo.

Quadro banal nesta nossa Paulicéa. Dentro em mostruarios elegantes os casaesinhos passam... E depois... Tout casse... Os cariocas têm razão: "Vae quebrar!"

EPISTOLA AOS CORYNTHIANS

Outro dia, um poeta quercino, isto é, especie quercus australis; um poeta que o é na conta e faz verso que é verso mas não é verdade, contou, no ultimo numero deste nosso bello Arlequim, dois segredos. Não os divulgo porque me não pertencem, mas o poeta chamou a conchavo passadistas e futuristas e prophetizou, por fim, "a victoria aos neo-futuristas que vão surgir dentro em pouco, os quaes se expandirão durante um tempo. durante, digamos, uma decada, que será uma orgia e um delirio luminosos".

Ahi vem coisa nova, meus irmãos, coisa que vocês não sabem o que é, nem o que foi e nem o que ha de ser. Porisso é bom que se explique. Vocês não continuem acreditando que quem escreve livros de prosa e verso é algum personagem biblico ou alcoranico. Não, senhor, é gente daqui mesmo, mas que não joga futebol. A bola delles é de umas pequeninas — a de pelotiqueiros.

São elles os homens das escolas a que se referem os segredos quercinos, mas não são mestres nem discipulos (antes fossem!), são uma especie de inspectores, chamados literatos. Os inspectores de fóra me são quasi extranhos nos seus caracteristicos, porém os daqui me parecem umas borboletas crepusculares que, sorrateiramente, vão deixando os seus casulos em busca dos grandes ares.

Antigamente, num tempo Paulo e Virginia, quando havia leite de pato em literatura, elles operavam na Academia Paulista de Letras e foi porisso, de certo, que ella ficou dormente até hoje. A bella adormecida então, cansada de esperar pelo seu principe, e para não se confundir com qualquer loja maçonica, está despertando de vagarinho, de membro em membro. Elles dormiram na Academia e estão despertando, agora, no Congresso estadual. Lá, no dissorado leite de pato de um terço de immortalidade e aqui, á razão de jornal diario e uns tantos pacotes mensaes.

Vocês precisam conhecer essa gente e as suas obras, mas isso não se consegue de uma vez, com uma só epistola — é necessario tempo, paciencia e, sobretudo, astucia. Comecem, pois, sem pressa e por um dos versos mais faceis de se entender: o "minha terra tem palmeiras" O classico que escreveu a historia de um rapaz muito valente chamado Juca Pirama, disse que a sua terra tem palmeiras onde canta o sabiá, mas não disse onde era essa terra, provavelmente por seguro e para que algum bisbilhoteiro não viesse a murmurar que nenhum passarinho pousa em palmeira, muito menos sabiá! E foi feliz o classico, porque morreu antes que o bisbilhoteiro o entrujasse, mas sem ter tido o gosto de ler uns outros versos, tambem referentes a sabiás, feitos por um brasileiro de verdade — tão de verdade que nem classico foi — e que ouviu cantar o sabiá e soube aonde: "Da laranjeira em flôr no verde galho.. "

Depois, passemos á segunda licção: As pombas. Para o fallecido immortal que distribuiu justiça em S. Gonçalo e que inda hoje é lembrado pelos versos que compoz e lamentado pelo que viveu no mundo da lua, as pombas têm habitos originaes. De manhanzinha, deixam o pombal, uma a uma e, á tarde, voltam todas em bando, em revoada (não se deve levar em conta, nesta licção, o facto de voltarem em revoada.). Para o poeta, as pombas mourejam todo o santo dia, desde madrugada, longe dos penates e, como miseros jornaleiros, se recolhem ao descanso quando se vae tornando noite e a rigida nortada sopra!. Quem choca o ovo durante o dia e quem dá de comer aos borrachos esfaimados?

O mesmo poeta, dizendo a sua "Missa de resurreição", reza:

"Era uma fresca, linda e amena madrugada.
Sussurrava e corria
Vivo, alegre zum-zum. Era o besouro,
A mosca, o maribondo, a abelha e a vespa,
As metalicas azas a vibrar,
Eram fulvos enxames zumbidores,
Estremecendo, scintillando no ar..."

Tambem um prosador que conheceu os céos e terras do Brasil, dos quaes tirou a innocencia, descrevendo a aurora diz: "Na terra borborinha o ruido da vida. Doce orvalho banha as plantinhas dos valles, zumbe um mundo de insectos.. " Estes dois literatos viram insectos de madrugada; viram aquillo que eu, vocês, e outros inferiores jamais conseguimos vêr! E é de se esperar que outros predestinados como elles continuem vendo madrugadas com mosquitos e besoiros; eu, de minha parte, me consolo com os caipiras que não sabem entender as luzes da alba, mas têm a certeza de que, de manhã, emquanto o sol não aquece os ares, os maribondos e as mamangavas, ficam em casa. Porisso, os meus astuciosos companheiros de inferioridade buscam as manhãs novas para lhes destruir as moradas.

Nestas licções iniciaes, ficam vocês conhecendo, mais ou menos, a obra; quanto ao creador, paciencia, meus irmãos, e attenção para conhecel-o. . O entomologista que estudou o acaro da sarna, não entreteve com elle nenhuma palestra e nem se lamentou pelas suas impertinencias prurientes. Supportou-o com paciencia, para conhecer-lhe os habitos. Façam vocês como fazem os entomologistas e faço eu -- aguentemos os literatos em silencio, compenetradamente, estudando-os nos mysterios da sua natureza, no curioso dos seus habitos e, sobretudo, na força do seu ferrão!

Todas as coisas palpaveis e sonantes desta vida, vocês encontram nelles; fóra, porém, deste mundo restricto, em se tratando de coisas de além-terra, a respeito de communicações interplanetarias, por exemplo — duvido. Em todo o caso, entre os homens, a gente não deve asseverar coisa nenhuma; quem sabe se elles estão certos e nós é que somos os idiotas? O certo é que houve um que ouviu e entendeu estrellas e outro que lhes fez discursos. Terá sido este ouvido e entendido por ellas?

Um bom conselho, meus irmãos, é este: não facilitem, previnam-se, senão pelo respeito devido ao nosso amigo poeta dos segredos, ao menos por cautela.. Vocês devem ter tanto medo dos literatos como do lobishomem.

Paulo de São Paulo